



Procurar no Boa Vida

Especial Boa Vida

Especial Wallpaper.

Mais em Boa Vida

Restaurantes.

ARTISTAS DE RUA

Artistas de se lhes tirar o chapéu. E deixar lá uma moeda

por Clara Silva, Publicado em 26 de Outubro de 2009

O i percorreu as ruas de Lisboa e encontrou os melhores artistas, desde mágicos a guitarristas

Opções

Votar: ★★★★★

Rating: 0.0 (0 votos)

Fotografia



Quantas vezes não fomos interpelados por indivíduos rodeados de cães de aspecto pouco recomendável durante um passeio pelo Chiado? "Uma moedinha para o artista", pedem-nos enquanto agitam um chapéu com alguns trocos, impedindo-nos de prosseguir a marcha. Quando olhamos em redor, ficamos na dúvida: será que o artista é aquele que sopra uma espécie de píforo, obrigando todos os que passam a tapar os ouvidos? Não.

Fomos conhecer os verdadeiros artistas. Aqueles que fazem da rua o seu palco e arrancam um pedaço de tempo aos lisboetas mais apressados. De Alfama ao Bairro Alto, da baixa ao cume dos miradouros, há boas cantoras à procura de banda, mágicos que fazem desaparecer cartas em copos de cerveja, guitarristas com álbuns editados e muitos outros que, numa só noite, fazem muito mais do que simples tostões.

FRANCIANE, A CANTORA Ao fim da tarde, na Rua Nova do Almada, no Chiado, ecoa uma voz semelhante à de Amy Winehouse. "They tried to make me go to rehab but I said 'no, no, no'", canta uma boneca com braços de espuma. As pernas denunciam Franciane dos Santos, a brasileira de 26 anos que há 5 anos veio para Portugal. "Gostava de arranjar uma banda, mas não é muito fácil" conta, depois de um dos quatro espetáculos semanais. "A rua é uma boa porta para conseguir outro trabalho." Franciane chega ao Chiado carregada com uma grande mala. "São 30 quilos que trago no autocarro, a pedir licença às pessoas. O mais pesado são as colunas de som e a bateria", diz, enquanto tira o bigode e o chapéu preto que fazem parte do disfarce. O cabelo comprido cai-lhe nos ombros e ninguém adivinharia a sua beleza. A boneca Amy é o centro das atenções, principalmente quando percebemos que a sua voz não é um playback de Winehouse. "A rua é muito exigente, há todo o tipo de opiniões", afirma. Todas parecem positivas. Um estrangeiro lança uma nota generosa para a mala onde a boneca descansa depois da actuação. "Só ganha bem na rua quem é bom", conclui.

ELENA, A DANÇARINA DE TANGO Na mesma rua está o par de dançarinos de tango "Helena e Gustavo". Na escuridão do início da noite parecem dois profissionais mas afinal um é feito de espuma. Elena Gonzalez pertence à mesma companhia que Franciane, a Varietango, que faz espetáculos de rua com marionetas. "O Gustavo é muito sentimental", brinca a professora de tango de 28 anos, enquanto aberta as bochechas do boneco que tem agarrado ao corpo com velcro. Dançar tango com um parceiro inanimado é difícil, mas Elena dá conta do recado e impressiona qualquer um. "Nasci na Patagônia e estive numa universidade de tango em Buenos Aires", conta. "Dançar na rua com uma peruca é complicado nos dias mais quentes." No Inverno também. "Tenho frio com este vestido curto", conta. Mas vale a pena. "Mesmo quem está com pressa pára para ver o espectáculo", diz com um sorriso.

TEPPE, O GUITARRISTA Aprendeu muito novo a tocar shamisen, um instrumento japonês de

27-10-2009

Artistas de se lhes tirar o chapéu. E de...

três cordas feito de pele de gato, com a avó. "Aos 12 comecei a tocar guitarra", conta Teppe Watanabe, de 31 anos. Tepe deixou o Japão para viajar e tirar um curso de composição nos Estados Unidos. Seguiu-se o Brasil, Espanha e Portugal. "Lisboa é fantástica, mais linda do que todas as cidades onde vivi", diz num português com toques orientais. No Largo do Carmo, vários turistas jantam na esplanada de um restaurante indiano e os empregados têm de atravessar a estrada para servir às mesas. Tepe senta-se no banco e hipnotiza todos com os acordes de bossa nova que solta da guitarra. A música ambiente perfeita. "A tocar num bar, faço 30 euros por noite. Consigo fazer 150 euros numa só noite a tocar em esplanadas", revela o japonês de cabelo comprido que já tem um CD editado: "Chama-se 'Lisbossa' e é uma mistura de bossa nova e música clássica."

TERESA, A PINTORA Teresa Roriz não sabe se é da família da famosa coreógrafa Olga Roriz. "Uma vez encontrámo-nos e vimos que tínhamos alguns nomes da mesma família, mas não sei", diz a artista de 47 anos. Um dia estava a desenhar num pedaço de papel no Mahjong, um bar no Bairro Alto, e um desconhecido perguntou-lhe o preço do desenho. Foi a partir daí que começou a pintar. Hoje vende crachás com desenhos seus, bijuteria e cachecóis com arame, "para dar o efeito do vento". "A vida é muito dura para quem vende na rua", conta, "queres ir fazer chichi e não podes deixar as coisas, doem-te as costas..." Mesmo assim, costuma passar na Bica, em Alfama ou no Bairro Alto para vender crachás a €3,5 cada. "Em três horas, numa boa noite, faço 40 euros. O problema é que num grupo de cinco pessoas, três já me compraram alguma coisa", lamenta.

MORENO, O MÁGICO Ao balcão do bar Palpita-me, no Bairro Alto, está sempre um mágico sem coelho nem cartola. Moreno começou por fazer desaparecer cartas de baralhos em casa. "Os meus amigos diziam-me que tinha jeito e decidi ler livros de magia." Na Rua do Diário de Notícias, faz desaparecer cartas em copos de cerveja e anima a noite em frente aos bares ou em festas de aniversário. Quem fica surpreendido com a magia deixa-lhe a recompensa que quiser. "Ganha--se bem até", diz enquanto tenta várias vezes um novo truque com cartas. "O baralho ainda é novo. Ainda tenho de treinar mais", justifica-se.

Tags: artistas de rua, lisboa, teppe, mágico, música, tango, chiado

Tem mais informações sobre esta notícia?
Conte a sua história. Seja um iRepórter.

Partilhe a sua
experiência

Votar: ★★★★★ Rating: 0.0 (0 votos)

Enviar

Imprimir

Comentar

Partilhar